

Fernando Pessoa

## O ÚLTIMO SORTILÉGIO

### O ÚLTIMO SORTILÉGIO

«Já repeti o antigo encantamento  
E a grande Deusa aos olhos se negou.  
Já repeti, nas pausas do amplo vento,  
As orações cuja alma é um ser fecundo.  
Nada me o abismo deu ou o céu mostrou.  
Só o vento volta onde estou toda e só,  
E tudo dorme no confuso mundo.

«Outrora meu condão fadava as sarças  
E a minha evocação do solo erguia  
Presenças concentradas das que esparsas  
Dormem nas formas naturais das coisas.  
Outrora a minha voz acontecia.  
Fadas e elfos, se eu chamasse, via,  
E as folhas da floresta eram lustrosas.

«Minha varinha, com que da vontade  
Falava às existências essenciais,  
Já não conhece a minha realidade.  
Já, se o círculo traço, não há nada.  
Murmura o vento alheio extintos ais,  
E ao luar que sobe além dos matagais  
Não sou mais do que os bosques ou a estrada.

«Já me falece o dom com que me amavam.  
Já me não torno a forma e o fim da vida  
A quantos que, buscando-os, me buscavam.  
Já, praia, o mar dos braços não me inunda.  
Nem já me vejo ao sol saudado erguida,

Ou, em êxtase mágico perdida,  
Ao luar, à boca da caverna funda.

«Já as sacras potências infernais,  
Que, dormentes sem deuses nem destino,  
À substância das coisas são iguais,  
Não ouvem minha voz ou os nomes seus.  
A música partiu-se do meu hino.  
Já meu furor astral não é divino  
Nem meu corpo pensado é já um Deus.

«E as longínquas deidades do atro poço,  
Que tantas vezes, pálida, evoquei  
Com a raiva de amar em alvoroço,  
Inevocadas hoje ante mim estão.  
Como, sem que as amasse, eu as chamei,  
Agora, que não amo, as tenho, e sei  
Que meu vendido ser consumirão.

«Tu, porém, Sol, cujo ouro me foi presa,  
Tu, Lua, cuja prata converti,  
Se já não podeis dar-me essa beleza  
Que tantas vezes tive por querer,  
Ao menos meu ser findo dividi —  
Meu ser essencial se perca em si,  
Só meu corpo sem mim fique alma e ser!

«Converta-me a minha última magia  
Numa estátua de mim em corpo vivo!  
Morra quem sou, mas quem me fiz e havia,  
Anónima presença que se beija,  
Carne do meu abstracto amor cativo,  
Seja a morte de mim em que revivo;  
E tal qual fui, não sendo nada, eu seja!»

s. d.

**Poesias.** Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.)  
Lisboa: Ática, 1942 (15<sup>a</sup> ed. 1995): 227.

1<sup>a</sup> publ. in **Presença**, n<sup>o</sup> 29. Coimbra: Dez. 1930.